

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.:

Data: 20.01.87

Pg.:

Índio Kaiapó ajuda a montar exposição no Museu Goeldi

O Museu Paraense Emílio Goeldi-MPEG, além de sua mostra permanente de objetos indígenas, no pavilhão de exposições, deverá também promover outras, desta feita em caráter temporário, no pavilhão da Rocinha, que fica no ponto central do parque zoológico e foi recentemente reinaugurado, após algumas reformas, recebendo a instalação de uma central de ar condicionado e a criação de um auditório para cinquenta pessoas, onde serão exibidos filmes e vídeos, de caráter científico.

Para esta primeira de uma série de exposições temporárias foi escolhido um material etnocultural, pertencente ao grupo indígena dos Kaiapós. As peças, que deverão ser expostas em maio, são bodurnas, tipitis, capacetes, pentes, plumárias em geral, instrumentos musicais, cestaria, flexas e mapas celestes de cunho místico-mitológico, feitos pelos sábios da nação Kaiapó. Todo este material foi recolhido desde o início do século, por pesquisadores do próprio Museu e que darão o apoio científico à exposição. Dentre eles se destaca o etnobiologista Bosey, que já há muito vem desenvolvendo estudos junto aos Kaiapós, com vários livros publicados sobre o tema. Para ajudar na classificação e organização da exposição, a chefe do setor de museologia do Mpeg, Denise Cardoso Hanu, convidou o índio Kurikó, da mesma tribo, aproveitando a sua estada na cidade, para tratamento de saúde. "O Museu já dispõe de diversos dados sobre a realidade sócio-cultural dos Kaiapós, porém, nada melhor do que a participação de um índio da tribo, na organização da mostra", justifica Denise, que parte em fevereiro para a aldeia, com a finalidade de sentir melhor o espírito da cultura do grupo.

Kurikó

Além de ser um Kaiapó, Kurikó é um dos maiores informantes com que contam os cientistas sobre a cultura de seu povo. Além da orientação que dará a cerca dos trezentos itens a serem expostos, Kurikó fornecerá dados sobre o conhecimento científico de seu povo, principalmente sobre o equilíbrio biológico de seu ecossistema. Se não bastassem os objetos de sua tribo, a exposição conta com fotos de parentes de Kurikó, o que permite que ele fique bem à vontade, no trabalho que vai desenvolver. A explicação dos mapas celestes kaiapós está incluída. Neles há todo um conteúdo místico, e simbológi-

Foto: Palmundo Favacho



Kurikó, seu filho e Denise, no Goeldi.



Kurikó: índio não casa com branco.

co, relacionando a orientação dos planetas, com a realização de colheitas de suas plantações.

Em sua aldeia, Kurikó tem o sta-

tus de um sábio, sendo respeitado por todos os caciques, já que a reserva tem uma disposição hierárquica, que permite a existência de vários deles, diferenciados somente por seu grau de importância. Um irmão de Kurikó, o Kanhom, é um destes caciques. Ele próprio, como afilhado do chefe guerreiro, foi convidado para ser cacique, mas recusou. Kurikó prefere passear, e já conhece o Rio de Janeiro e São Paulo, caçar e pescar. Nestes passeios, teve a oportunidade de aumentar os seus conhecimentos na língua portuguesa, que associada ao seu dialeto original, o Gê, o tornam um poliglota. Isto lhe é de grande valia, principalmente com aproximação cada vez maior da cultura branca em sua aldeia. Nela já existe até um campo de pouso para aviões, um garimpo e uma intensa atividade na extração madeireira. Ele tem sido uma tesmunga da evolução histórica de seu povo, hoje em dia bastante reduzido numericamente, porém mantendo as mesmas tradições, conservando a essência cultural Kaiapó. "Não queremos ser brancos. Queremos ser índios como no tempo de nossos avós, lá na minha tribo é proibido o casamento com brancos", afirma, orgulhosamente, Kurikó.